



É com grande satisfação que chegamos ao quarto livro da nossa série *Fronteiras do Design: [in]formar novos sentidos*. Atravessamos uma pandemia, resistimos ao maior ataque recente à Ciência e à Educação e sobrevivemos a um corte de recursos que visava ao desmantelamento do sistema de pesquisa brasileiro. Não é pouco. Na verdade, com a perspectiva correta, é preciso reconhecer que houve um grande esforço para chegarmos aqui. Todos os capítulos nesta edição, por exemplo, são fruto de dissertações ou teses que em algum momento, ou na totalidade, foram desenvolvidas em isolamento social.

Mesmo diante de tantas adversidades, a linha de pesquisa em Design da Informação (DI) do PPGDesign da UFPE, se reinventa, se renova e amplia seus horizontes. Hoje, totalizam nove pesquisadores/docentes,

investigando interdisciplinarmente um campo que compreende: cultura, história, memória gráfica, linguagem, imagem, educação, consumo, moda, gênero e identidade, experiência, psicologia cognitiva, narrativas, retórica, visualização da informação e o design produzido por e com as pessoas.

Coletivamente, também ampliamos a nossa concepção da linha de Design da Informação, entendendo que a mesma estuda, no âmbito teórico e experimental, as práticas de negociação de sentidos dados aos artefatos de informação em seus contextos socioculturais, históricos e contemporâneos. Compreendendo que o seu objetivo é a mediação entre pessoas e sistemas simbólicos, de forma que a construção dos significados se dê mais próxima ao desejado.

Contamos hoje, com 23 doutorandos e 29 mestrandos e 2 participantes em pós-doutoramento, somando-se um total de 145 pesquisadores que já passaram e estão no programa, dos quais 33 são de outros estados. A linha de pesquisa tem mantido suas cooperações internacionais, estimulando estudantes e egressos a participarem de estudos na modalidade sanduíche, cotutela ou doutorado pleno nas instituições às quais mantêm vínculo: *University of Reading* e *University of the Arts London* (Reino Unido); *Universitat Autònoma de Barcelona* (Espanha); Universidade de Lisboa e Universidade de Aveiro (Portugal).

Para dar suporte às atividades, contamos com dois laboratórios: Laboratório de Práticas Gráficas (LPG) e o Laboratório de Visualização e Sentidos do Nordeste (VISSE). Os docentes da linha de pesquisa lideram os seguintes Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPQ: Plural Moda e Vestuário (1996); Design da Informação (2001); RIDE - Rede Internacional Design/Educação (2015); Tipo-grafias: estudos sobre desenho e produção de letras (2016); Pesquisa Integrada em Design e Computação (2018); Interseções entre Design e Ambiente Construído - IDEA (2019); Mediações entre Design e Educação (2021) e Design e Gênero (2023). Além de participarem de outros grupos relevantes de pesquisas, como o Memoráveis: manifestações gráficas afetivas (2021) e o RELADyG - Rede Latinoamericana de Design e Gênero (2022).

Portanto, continuamos resistindo, agora, porém esperançosos, com o governo de Luiz Inácio Lula da Silva, acreditando na recuperação e retomada da crença na Ciência e na Educação Pública – vetores de transformação da sociedade.

---

## SOBRE OS TEXTOS

Dessa forma, organizamos o presente livro com contribuições significativas, oriundas de teses e dissertações da linha de pesquisa, desde as relações da manualidade, da visualidade nos livros, da complexidade da imagem, da memória gráfica às relações do processo de trabalho do campo do design e do jornalismo.

O capítulo POR UMA SISTEMATIZAÇÃO DA TEORIA DA CALIGRAFIA de Carlos Eduardo Brito Novais e Solange Coutinho abre este volume apresentando um processo de síntese da teoria caligráfica, contribuindo para o debate e a estruturação do campo, levando em consideração aspectos, como a materialidade ferramental da caligrafia, o traço caligráfico, o movimento, o espaçamento e a estrutura de um modelo caligráfico. Ana Kossoski Costa e Isabella Aragão discutem em OS MOVIMENTOS E AS LINHAS DO PIXO RETO, a pixação como uma manifestação visual que apresenta como signo escrito as assinaturas de seus autores, os pixadores. A partir de sua produção manual as assinaturas são resultantes de uma performance que envolve riscos e que pode inclusive afetar o seu aspecto formal final, e por isso devem ser observadas também pelo viés da corporeidade.

Os aspectos da configuração do texto e da imagem no livro infantil ilustrado, o modo como suas relações e interações funcionam e recomendações aos profissionais do livro são abordadas no capítulo proposto por Guilherme Mendes Cahú Costa e Solange Coutinho em RECOMENDAÇÕES PARA A GERAÇÃO DE INTERDEPENDÊNCIA ATRAVÉS DA CONFIGURAÇÃO PICTÓRICA E TEXTUAL NO LIVRO INFANTIL ILUSTRADO. O uso das imagens nos livros também é o interesse de Letícia Lima de Barros e Guilherme Ranoya Seixas Lins em A VISUALIDADE EM LIVROS DE LITERATURA: CAMINHOS PARA A EXPLORAÇÃO DA MATERIALIDADE GRÁFICA, em que os autores apresentam uma ferramenta analítica para identificar conexões entre o visual e o textual com o objetivo de propor diretrizes para o design de livros de leitura contínua que situam a narrativa visual como forma de contar junto à narrativa textual, e também demonstrar outras possibilidades para a visualidade dentro do objeto livro.

Em TENSÃO E VISUALIDADE: UMA METAPSIKOLOGIA DA IMAGEM Rafa Santana de Souza e Eva Rolim Miranda fazem reflexões sobre as imagens e nossas abordagens teóricas para as mesmas, compreendendo este processo como uma grandeza cuja potência oscila entre dois polos de sentido, opostos e complementares, encarnados em formas antropológicamente primitivas do inconsciente coletivo que se desenvolvem entre o imaginário das imagens e os imaginários dos indivíduos que as observam. Com base nas proposições aristotélicas sobre o apelo *pathos* e levando em consideração a linguagem gráfica, Jonas da Silva Ferreira e Guilherme Ranoya Seixas Lins no capítulo SEDUZIR PARA INFORMAR: PERSUASÃO NA LINGUAGEM GRÁFICA E O APELO EMOCIONAL EM POSTAGENS ACADÊMICAS PARA O INSTAGRAM discutem a relevância da linguagem gráfica e da disposição dos elementos visuais para transmitir as informações com clareza, considerando a influência do contexto cultural e da percepção individual na interpretação das mensagens veiculadas pelas universidades no Instagram.

No capítulo O DESIGN DA INFORMAÇÃO E A RELAÇÃO COM O CAMPO DA MEMÓRIA GRÁFICA E DA HISTÓRIA DO DESIGN BRASILEIRO, Leopoldina Mariz Lócio, Solange Coutinho e Hans da Nóbrega Waechter apresentam uma reflexão acerca das conexões dos estudos sobre memória gráfica e história do design brasileiro com o campo do Design da Informação, a partir da análise de artigos científicos e revisão dos conceitos de memória gráfica, história do design e design da informação. Bruno Pereira Verissimo e Silvio Barreto Campello em LUÍS JARDIM, UM DOS PIONEIROS DO DESIGN GRÁFICO PERNAMBUCANO destacam a trajetória profissional de Luís Jardim, traçada cronologicamente, através dos artefatos que criou no começo do século XX em Pernambuco, compreendendo-os do ponto de vista do Design e introduzindo Jardim como um dos pioneiros do Design Gráfico pernambucano.

Fechando este volume temos o capítulo CONTRIBUIÇÕES DOS MÉTODOS DE PROJETO EM DESIGN DA INFORMAÇÃO PARA AS ROTINAS PRODUTIVAS NO JORNALISMO de Juliana Lotif Araújo, Eva Rolim Miranda e Gonçalo André Moço Falcão, no qual os autores sugerem a possibilidade de adaptação das etapas presentes nos métodos de projeto em Design para as rotinas produtivas em Jornalismo,

como forma de atualizar o fazer jornalístico no contexto da convergência da comunicação no atual ecossistema midiático.

Agradecemos a todos os autores, em particular, à Comissão Editorial Especial – ampliada e renovada a partir das parcerias da linha –, a qual contribuiu com valorosas e criteriosas discussões e sugestões para que o mesmo chegasse com a devida qualidade aos leitores.

Como nos volumes anteriores, desejamos que a leitura provoque novos sentidos e reflexões instigantes para o leitor, de forma prazerosa; reafirmando o valor e a confiança na Ciência, na Educação, na Cultura e, principalmente, nas pessoas.